N.º 15 (137) — 3.º ANNO

Terça-feira, 7 de Fevereiro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 182, 1.º, Esq.º — LISBOA

O REGISTO CIVIL

Chega-te á mangedoura, porque, quer o queiras, quer o dês, tendes palha d'esta vez.

Registo Civil
Theophilo Braga

Dentre as leis necessarias para a Republica a que com mais agrado registo, é a do registo civil obrigatorio, mau grado meia duzia de imbecis em cujas cabeças as idéas não entram nem a machado... dos Santos. Talvez não seja a de mais precisão mas posta em pratica com precisão, trará o seu beneficio em favor do Povo, e será mais um passo para demonstrar á Estranja que a nação tem a noção da civilidade e do progresso.

O Dr. Affonso Costa decretando obrigatorio o registo civil, faz uma obra de justiça, desfaz a lenda de que o governo não cumpre as promessas dos comicios e satisfaz a Associação do mesmo. Aquelles que resmungam terão de comer... e callar porque qualquer pilha, mesmo pulha, come a palha... o caso é sabe la dar.

O mesmo succederá com a separação da Egreja do Estado. Chegámos a um estado... de coisas em que o povo, o autentico povo, começou a querer o real (salvo seja) e a não crêr em santos... Farinha. Acabados os santos e senhas das conspirações, tenderão a acabar as senhas... e bonus, o que será a desgraça das familias Pires, collecionadoras de pires, chavenas, garrafas, etc., todos os trastes do «Bonus».

Mas, voltando á vacca fria, que é o caso quente do Dr. Affonso Costa, elle, com este decreto demonstra continuar a vellar pela boa administração do paiz, e dar que fazer ás administrações... dos bairros.

«Ao principio custará a metter na cabeça de muitos que antes de levar os petizes á pia baptismal ou a deitarem-n'os pela pia... dos despejos, como fazem vulgarmente as peixeiras, os teem de levar á pla... paciencia do administrador; que os noivos antes de se casarem á face da egreja, teem de estar face a face com o dito administrador, e que as passagens de certidão de passamento teem de passar pela administração o que não se passava no regimen passado. O Sr. Ministro da Justiça, façamos lhe justiça, vem com este decreto enriquecer a sua obra de que não cobra senão o prazer de ver o povo, com boas leis de sobra. Com esta medida... de volume, e continuando assim a sua obra, o Dr. Affonso Costa será cognominado pelos vindouros pelo *Obra*... *leis* como a Theophilo Braga, (o primeiro d'uma serie de caricaturas que constituirão o *album do «Zé»*), chamam o *Obra*... *obras*.

*

O presidente que, agora é na ponta da unha, nasceu ha 68 annos na Ponta Delgada.

Foi para Coimbra, e nas horas em que os outros se entragavam á estúrdia entregava-se elle ao estudo.

Rico em faculdades era pobre e como qualquer typo que escolhe o typo para um jornal elle foi ganhar o seu jornal. O seu fim era arranjar meios para o principio da sua carreira.

A vida, sentia-a espinhosa, mas lembrando-se de Spinosa, o grande philosopho que tambem soffrera, fazia-se esquerdo ás laracbas dos imbecis e seguia direito para Direito.

De ter sido typographo veiu-lhe a queda para as lettras sendo o homem das gerações modernas que mais tem produzido.

Não se póde ter uma visão exacta da enormidade da sua obra. D'entre ella destacaremos a *Visão dos Tempos*... que teve tempos infinitos á espera de que alguem a editasse. (30 annos).

Discipulo de Hegel, Littré e Comte, hoje o *Mestre*, torna os seus discipulos, quer sejam, Augusto, João ou Agostinho,... fortes para a vida real.

De Comte, porém, abraçou o positivismo e tendo-se tornado contista... deunos os *Contos phantasticos*, Homem superior, vivendo para as lettras, seguindo o curso da sua vida, foi parar ao Curso Superior de Lettras.

Lente... com o grau... de doutor, não augmenta uma parcella ao seu modo de vida seja quaes forem as suas condições.

Tendo corrido todos os logares dos Intelligentes, menos o de intelligente de corrida, hoje occupa na sociedade portugueza o primeiro, porque tendo trabalhado, foi se elevando tão alto que hoje é o Sol que aquece esta bella Republica. Ao ser chamado para chefe do Estado, elle que na sua officina nunca chegara a chefe caiu das nuvens, tão alto estava. Talvez d'alguma estrella, onde a sua phantasia de poeta o levasse. Não, Não digo bem. Não caiu da estrella porque quando vem da Estrella... da N. de S. Gertrudes, vem no Elevador.

Feito presidente, de homem raro que era, tornou-se vulgar... em postaes.

Não se sente gasto pela idade, e não tem um gesto que não seja justo.

Tendo encarnado o seu ideal, fez pelo verde, guerra a Junqueiro.

A's vezes começa devagar a divagar. O que o rala é a gente rola, beata, sobretudo, gente moça que desperdiça a massa em missas e outras tolices improprias do seculo das luzes e de luz... de Almeida.

Outras vezes começa a pesar a sua vida, e sente um pezar: ser a vida que a parca corta, curta, e a morte certa. E, tem pena. O seu desejo era viver muito, viver sempre, viver toda a... Vida para poder obrar... á farta para o mundo.

A. F.

P. S.—Estas notas sobre o Intellectual, Dr. Theophilo Braga foram-nos cedidas galhardamente pelo seu braço esquerdo, um Guarda chuva historico, inseparavel companheiro de trabalhos do Mestre.

O poema da rua

? Em que o auctor encontra uma carta de amor assignada Maria.

A lettra miudinha era hesitante,
Um grande horror á má calligraphia,
Mais que medonha a sua orthographia,
A tinta era vermelha, provocante!

E, no entanto, um coração amante
Só Deus sabe se alli não vibraria!
Virgens que usaes o nome de Maria,
Como sabeis amar!... Fagueiro instante!

Amor!... És a chama do sentimento!
Podesse eu decipar-te, e era feliz...
Mas Deus não me deu geito nem talento!

Amor!... Se penso em ti faço carêta,
Porquanto se amou Dante a Beatriz,
Provou Camões os beijos d'uma prêta!

MANOEL CHAGAS (Pardiello).

Na India, quando se apaixonou por Luiza Barbara, preta de discutivel formosura... Ui que nojo!

Julia Mendes

Morreu a Julia!

Como aquellas deliciosas figurinhas dos romances de Musset ella passou n'este mundo uma existencia alegre e despreocupada, o rosto aberto n'um sorriso, a alma inundada da mais franca alegria...

A vida foi para a Julia um episodio sem importancia de maior, uma scena burlesca de comedia, em que se confundem os personagens e se embrulham as situações.

Julia Mendes era uma curiosa figura do nosso meio.

Bohemia por temperamento passou por deante dos nossos olhos como uma traquinas diabolica, toda nervos e esgares, fazendo momices e inventando partidas.

Não era uma artista, mas era uma utilidade no theatro.

Não faz falta, mas é insubstituivel no genero a que se dedicou.

Desenvolta e sensual imprimia um tom *canaille* á cançoneta brejeira, animando-a, vivendo-a.

O publico estimava-a e applaudia-a freneticamente, porque gostava da endiabrada garota.

Coitada!

Viveu para a alegria e para o amor, porque não quiz perescrutar os aterradores desgostos da vida...

E agora, mirrada e corrida pelos vermes, descança serenamente, parecendo que por cima da sua cova ainda se ouve o echo longiquo das suas gargalhadas chrystallinas.

Pobre Julia!

O CHOLERA NA MADEIRA

Visto ter-se organisado uma commissão presidida pelo nosso presado correligionario e amigo sr. Francisco Grandella, com o fim de organisar espectaculos nos principaes theatros, cujo producto contribuirá para melhorar a sorte das victimas do terrivel flagello que pairou na Madeira, *O Zé* não organisará o sarau de que dera noticia, limitando-se a auxiliar os que forem levados a effeito com esse fim caritativo.

Banquete de homenagem

Em honra de Djalme de Azevedo

O Zé não podia deixar de prestar a mais calorosa homenagem ao illustre republicano que tanto foi perseguido pela monarchia, ao valoroso official sobre quem os reaccionarios pretenderam lançar a sua baba de vis reptis. Proclamada a Republica foi feita justiça ao nosso presado correligionario, absolvendo-o a magistratura e sendo reintegrado nas fileiras do exercito; entendemos porém que se deve patentear ao grande republicano a muita estima e consideração que Lisboa tem por elle e n'esse sentido em breve se realisará um banquete promovida pelo *Zé*. Vão ser convidados a assistir os nossos illustres amigos srs. drs. Affonso Costa e Alexandre Braga, brilhantes defensores do homenageado, e o dr. Couceiro da Costa que foi o unico juiz que votou a sua absolvição quando do primeiro julgamento. Desde já está aberta a inscripção na nossa redacção sendo o seu preço 3$000 réis.

Casos bicudos

VI

Muito longe estamos nós de ser d'aquelles que dizem mal das modas porque as não podem usar.

Nós não somos nada d'isso.

Ha modas bonitas a que não podemos chegar e nem por isso dizemos, como a raposa, que «estão verdes, não prestam»...

O que não podemos «gramar», o que nos leva de todos os diabos, é ver modas que cahem no ridiculo, modas exageradas, modas que estão a pedir panno encharcado como o Zé-Povinho pede pão para a bocca.

Não falamos dos chapeus que os jesuitas fugindo, cá deixaram ficar na cabeça dos dandys; falamos d'essa pepineira, d'esse «bicho» dos homens, que se chama «cache-col», toalha e cobertor.

Ao principio estava a coisa muito bem. Eram umas faixas bonitas, de varias côres, que se traziam por dentro do casaco, e que á sahida de qualquer espectaculo se podiam enrolar á roda da pescoceira, se fazia frio, e por isso mesmo lhe chamavam «sahida de theatro».

Agora não. Agora é a coisa mais ridicula d'este mundo.

O «cache-col» antigo, simples e bonito, desapareceu,para ficarem as toalhas brancas de grandes franjas. Agora são cobertores rasgados ao comprido, que servem de «cache-col».

O peralta, o casquilho, o «França» do seculo XX, que tudo exagera, que gosta de dar nas vistas no Chiado, não se contentou com a faixa simples e elegante, e arranjou aquelle rival do «bicho» das senhoras, para com elle dar trinta voltas em roda dos queixos.

Já nem «sahida de theatro» se lhe pode chamar, porque o peralta que nem todos os dias apanha dinheiro á mamã para ir ao «Republica», desejoso de o mostrar, tral-o em pleno Chiado, de noite ou de dia, faça frio ou calor.

O seu desejo é mostrar a toalha, o cobertor, a moda, e não se rala com mais nada.

Elle lá vae todo encolhido, todo abonecado, mergulhado no seu cobertor, com um horror medonho ao frio, com um medo tremendo ao ar, com os olhos esbogalhados espreitando por cima do «cache-col», todo embiocado, todo «salsa», todo «maricas».

Deixem passar a cama ambulante, e digam ao frio que se arrede, dêem passagem á menina que se pode constipar!!

Ora o diabo não tem somno!

* * *

Como cidadãos muito illustres, quo nos presamos de ser, fomos na terça-feira passada, á sessão solemne, que, no theatro da Republica, houve, em honra da escola 31 de janeiro.

Nós pelamo-nos por discursos.

Somos mesmo damnadinhos. Assim como ha meninas doidinhas por valsas, nós somos doidinhos pela rethorica, por discursos na ponta da unha, por peças oratorias de effeito, que nos encantam e embalam.

E' cá o nosso fraco. Somos damnadinhos... e ninguem tem nada com isso!

Será escusado dizer-lhes que os oradores se portaram á altura e que nós sahimos de lá encantados. Encantados com os oradores, encantados com a festa que era muito sympathica, encantados com as caras catitas de tanta menina que lá estavam.

A' sahida tivemos occasião de ouvir estes ditos ingenuos de creanças que iam sahindo com as familias:

—O' mamã, o Machado dos Santos, vae outra vez para a Rotunda fazer pum-pum?

—Não menina, porquê?

—Porque ouvi o sr. Botto Machado falar tanta vez na revolução social...

—O sr. dr. Cunha e Costa acredita em Deus?

—Que perguntas que tu fazes, menina!

—Elle é livre pensador!

—Então para que dizia elle tanta vez, Deus nos livre, Deus nos livre?!

—

—De qual orador gostaste mais, Bébé?

—Eu da musica, papásinho!

* * *

Decididamente a nossa policia não é tão falta de esperteza como dizem. Se não descobriu ainda o auctor ou auctores do crime da creança esquartejada, se ainda anda á procura do homem da boina, se deixou fugir impunemente o João Franco, a nossa policia, em compensação, acaba de descobrir o auctor de um crime de alto com elle.

Nada menos do que um crime de fabricação de moeda falsa... fóra da casa da moeda!

E' verdade! Fabricação de moeda falsa.

A policia andava á procura dos moedeiros que já sabia quem eram, quando no sabbado d'esta penultima semana, viu junto á porta do Governo Civil, uma desgraçada meretriz, que fôra em tempos amante do chefe dos falsificadores, que por signal a deixára moida de pancadas e com tudo empenhado.

O policia Cunha, um dos «argus» encarregados de descobrir o falsificador (de moedas, não de generos alimenticios) não poude perder esta boa occasião, para saber o paradeiro do homem, e para isso metteu a rapariga «durante tres dias incommunicavel» na esquadra da R. do Loureiro.

Que «me» olhem para isto, as raparigas «de hoje em dia». Que tenham mais cuidado nos seus amores, não vão dedicar affeição a um homem que mais tarde venha a fabricar moeda falsa, porque o amor a um criminoso é um crime punido pela nossa policia, com tres dias de incommunicabilidade na esquadra da R. do Loureiro.

Quando quiserem amar alguem perguntem-lhe primeiro se tenciona falsificar moeda. Se disser que sim, fujam d'elle, olhem a policia. Se disser que apenas quer falsificar os generos alimenticios, liguem-se a elle, que é um «honrado e conhecido negociante da nossa praça»!

VIU-SE GREGO.

Nem Isso!

Entre os adeantamentos descobertos ha uma verba de 4:886.195 réis.

Os almas do diabo, nem as moedas de cinco deixavam ficar!!

Que vergonha

A maioria dos sumidouros estão ás escuras. Estará o pessoal gazomista em greve com os «kiosques»?!

Senhora Dona Moral accenda a luz nos urinoes!!

Soneto de um thalassa

Nos tempos «libaraes» da monarchia
Era a vida «barata e regalada»,
Em parodia constante, noite e dia,
Era a vida do *Zé* sempre levada.

A gente sempre promptos p'ra a orgia
Ao som da soluçante guitarrada,
Até melhor que assucar nos sabia
Da policia a mimosa chanfalhada.

O rei sempre a gosar, sempre reinando,
O Zé sempre a suar, sempre pagando,
Porque o rei era tudo, e o Zé ninguem;

Por isto que aqui digo eu sou thalassa,
E o unico pesar que me trespassa
E' eu cá não poder ser rei tambem!!

VIU SE GREGO.

Elle era bem mau...

Apoiado!...

Segundo um jornal monarchico, a gréve é o peior desserviço prestado á patria. E' sim senhor; bom serviço para a patria é um rei a comer á tripa forra...

O mais não presta!

Contas espregueiradas

Para a viagem á Italia do sr. Alfredo de Albuquerque, dezoito mil e tantos francos.

Isto é que era uma parodia!

—Deixarem de apparecer diarios republicanos a todas as horas.

—O «reisinho» ter mais uma entrevista com a linda «Gaby».

—Saber se de onde veiu a moda dos cobertores ao pescoço e das saias á laia de presuntos.

—Acabarem as conferencias humoristicas... que não fazem rir ninguem.

—Os banquetes deixarem de ser a fórma de premiar os heroes.

—Sahir a «Illustração Republicana» do nosso amigo Augusto Rato.

—O cruzador «Roma» apparecer no Tejo.

—O sr. Brito Camacho fazer gréve... de feriados.

—Saber se qual é mais interessante se o sr. Fevereiro se o «unhaca» Cardoso de Menezes.

—Acabar a fita dos pedidos ao Governo Provisorio.

—Haver alguem mais pobre n'este mundo do que a infelicissima familia real exilada.

—Chegar a ser «impossivel» que o *Zé* arranje tantos «impossiveis».

—O accenderem-se os candieiros todos do Alto das Conchas.

—Saber se se o «Dia» é carne ou é peixe, ou nem uma nem outra coisa.

—Saber-se a surpreza que o *Zé* vae offerecer ao tenente Djaime de Azevedo.

—Que ha beatas damnadinhas
Com saudades das rainhas.
—Que essas beatas thalassas
Gosavam das suas graças.
—Que por tal, sem embaraço
Tinham entrada no paço.
—Que lá comiam do fino
E gosavam do... divino!
—Que era bem á farta a meza
P'rós lacaios da realeza.
—Que eram á meza os primeiros
Os jesuitas traiçoeiros,
—Que elles riam no «laré»
E quem pagava era o «Zé»
—Que do mundo no fadario
O destino é muito vario.
—Que o Zé se fez façanhudo
E elles pagaram tudo!

Não chorem que tambem vão!

«A Nação» brada aos ceos porque «A Capital» disse, não querer uma importante minoria monarchica nas Constituintes.

O' filhos descancem que hão de ter lá muitos logares! Hão de ter uma maioria de todos os diabos!...

Não querem mais nada?

A Satyra

Com este titulo acabamos de receber o primeiro numero d'uma revista mensal de caricaturas e humoristica.

Tanto a parte artistica, como a litteraria são excellentes e felicitamos o seu director e nosso amigo Joaquim Guerreiro por ter lançado no mercado uma publicação digna de se apreciar.

O preço de cada numero é de 60 réis.

A «Satyra» desejamos lhe longa vida.

Sciencias... naturaes

O mestre popular... e republicano sem mestre

Casos e Coisas

Foi um verdadeiro 31 de regosijo, o dia 31 de Janeiro, e cujas festas começaram pela alvorada annunciada com 31 salvas de morteiros.

Pena foi ter dese assistir a estas manifestações, envoltos em capa de boracha, ou de chapéo de chuva aberto, mas apesar da agua que cahiu, nem por isso o povo que cahiu em assistir a inauguração da lapide em Campo de Ourique, foi capaz de arredar pé do seu logar, e de pé, e a pé firme encheu o papinho de musica e de vivas, chegando a casa mais morto que vivo, e dando vivas á Christina.

Mais uma vez se mostrou portanto, até onde chega a alma nacional, que depois da «Alma de Dios», é, a que mais tem vibrado nos ultimos quatro mezes.

Com respeito a discursos isso então não falamos!

Discursou pae Theophilo, sobre o motivo do acto, e do que vinha a ser o 31 n'este jogo;

Discursou o coronel de artilheria 1, sr. Nobre da Veiga que se referiu aos batalhões voluntarios, que pareciam uns «pintos» com a agua a cahir-lhe em cima, a ponto de não fazerem vista nenhuma;

Discursaram o capitão Sá Cardoso, commandante dos revolucionarios de artilheria 1, que foi um dos que teve de ir para o Porto a reforçar a guarnição após a revolta, e ahi, diz elle, poude ainda colher o capote d'um guarda fiscal que estava furado por 14 buracos de outros tantos projecteis» (não sabemos se era o capote se o guarda fiscal que estava furado);

Discursou o sr. ministro do interior, que fez um brilhante discurso, e disse coisas como elle as sabe dizer;

Emfim!

Foi uma tarde cheia de discursos, cheia de festança e cheia... d'agua.

Estamos em crer que o pae do céu embirrou com os republicanos da terra, e em vendo que elles querem fazer assim uma festinha mais limpa, zás! agua para cima d'elles!...

Safa, que é demais!

Agua na festa da bandeira.

Agua no 31 de janeiro.

Agua toda a semana, todo o mez, a todas as horas...

Parece um paiz de aguadeiros... irra!...

O amigo pae do céo estará com vontade de dar um passeio até Inglaterra?!

Olhe que o «hiate» ainda não foi vendido e... não sei se nos entende...

Adiante:

Apesar da chuva, como iamos dizendo, o povo assistiu a estas festanças todas, mas tambem se não esqueceu de ir em romaria as sepulturas de Buiça e Costa, prestar-lhes as suas homenagens, cheio d'aquella fé que é o apanagio das grandes almas, e cumprindo assim um dever de gratidão que jámais esquecerá.

Emquanto Lisboa festejava assim o 31 alheio, isto é, o 31 do Porto, n'esta cidade o enthusiasmo com que foram recebidos os ministros que ali foram assistir ás festas, tocava as raias e as raias de delirio.

Até o tio Bernardino parece remoçou, com as vivas que lhe deram!

Mas, como «cá e lá mais fadas ha», tambem ali não poude ter logar o cortejo patriotico nem a parada militar, por causa da impertinente chuva.

Lá foram tambem, no Prado do Repouso, prestar homenagem ás victimas do malogrado movimento, sem se importarem com a chuva nem com a lama que os atascava até aos joelhos...

E por todas as provincias o enthusiasmo foi enorme, com o tal 31, dando isto a demonstrar, bem ao contrario do que se dizia, que as provincias são todas pela Republica e que os provincianos estão perfeitamente de accordo com o governo que nos rege, embora um ou outro não concorde com alguns actos que este tenha praticado.

Mas taes boatos eram falsos, como eram falsas as moedas de dez e cinco tostões, que aquelles amigos da rua das Atafonas fabricavam já ha um anno, sem serem incomodados.

O caso é que o nosso «Batata», principal fabricante e mestre do «golpe», parecia ter dêdo para a coisa, pois até aqui, ninguem fôra capaz de descobrir onde diabo elle se escondia, e se não fosse a amante desprezada dar com a lingua nos dentes, ainda a esta hora se ignoraria onde era o ninho com que a policia deu.

Mas a policia... a policia...

Para que diabo se ha de ella metter onde não é chamada?

Então já um individuo não pode ter um bocadinho de habilidade, e fazer os «objectos» de que precisa?!

—Ah! mas é que elle assim, rouba a Casa da Moeda, dizem uns.

—Mas tambem a Casa da Moeda nos rouba, e ninguem faz caso ou o muito que se faz é nomear commissões de sindicancia para ver se ha roubos ou não, mas depois nunca mais se fala n'isso, dizem outros.

—Tambem é verdade! dizemos nós.

E é com estas e outras, que se vê que em toda a parte ha «Batatas» custosas de coser com o bacalhau do Zé, que no fim de contas é quem tem de as roer quer queira quer não.

Era a fartar...

Só para ser applicado a despezas da visita do D. Carlos aos reis de Inglaterra, devorou S. M. seis mil libras.

Ora, e não se perdia a casa dos bicos!

Ao habil enfermeiro do hospital de Cintra José Lopes dos Reis

Muito gostei, palavra, de te ver
De *pardessus* e mãos bem enluvadas,
E bem assim d'ouvir as empregadas,
D'um antigo collega bem dizer!

Comtudo apreciei mais as queijadas, *
Que levei dois minutos a comer,
Com medo d'algum doido m'appar'cer
E lhe ferrar as prezas aguçadas!

P'ró v'rão irei fazer-te uma visita,
Porém não te has de pôr com contumelias,
Que é cousa com franqueza que m'irrita;

E como existem inda cá Adelias,
Quero trazer um ramo mui catita
De rosas em botão e mil camelias!

Hotel Osoriense 26-1-911.

Alfredo Osorio (Maluco-Mór)

* Duas duzias.

Esqueceu-se...

Respondendo a um leitor, um collega diz, que antigamente já tinha-mos batalhões, taes como; o da caliça, o do Joãosinho, o nacional e o do commercio.

Afinal o collega esqueceu-se do batalhão «d'assorda...»

Era a tropa mais valente que tinha a monarchia!...

DOENÇAS DO DIABO

O colera está na Madeira, as bexigas em Sacavem, e a falta de massa... nas nossas algibeiras...

Episodio animatographico

No Salão da Trindade—Ouvi se um ruido de dinheiro cahindo no chão:

De quem será?—murmura uma senhora.

—Será um vintem ou cinco tostões?

«O caricaturista Carvalhaes abaixando-se para apanhar:» Se fôr um vintem ainda poderá ser meu, minha senhora, mas se fôr cinco tostões, affianço lhe que não são meus...

O Vira

Recebemos a visita d'este nosso collega humoristico que vem cheio de «verve».

Dirige-o o auctor das «Cartas Vermelhas» sr. Henrique de Carvalho.

PHANTASIAS

Feminismo

Tendo fallado com uma dama da nossa primeira sociedade sobre o feminismo e tendo dado a conhecer a nossa sympathia pela causa da mulher... cahiu-nos em casa uma chusma de cartas, de que nos descartamos dando-as á publicidade:

«O Direito é para mim a coisa mais bella da vida. No dia em que conseguir tel-o para sempre, serei feliz.»

Amelia

«Já me não seduz o direito que vejo os homens terem. Na minha vida facil foi experimentar varios, captivando os homens pela sympathia. Que os deem ou não ás mulheres pouco me importa. Eu tenho-os... para meu uso interior.»

Gaby

«O meu patrão quando entrei para sua casa prometteu-me uma folga por mez e eu com esse direito sinto-me feliz. No entanto se elle quizer furar o compromisso, saberei valer-me da minha força.»

Maria (creada)

«Se derem os direitos que as mulheres reclamam que não sejam só ás brancas. Nós tambem somos mulheres e tambem queremos direitos... para nós.»

Fernanda

«Desde que comecei a pensar nos direitos para a mulher, muito mais depressa me tenho vindo... a compenetrar da desegualdade humana, o que tem de acabar.»

Rebolona

«Eu não era feminista nem pensava nos direitos da cidadã. Mas meu primo que namoro temnos feito ver tão bellos que me tornei adepta. Inda o outro dia, me disse, referindo-se ao seu proximo direito de votar. «Deixa-me tê-l'o e verás como é duro... não ter esta regalia.» Sou pelo direito, pois.

Ludovina

R. da Bitesga 4, r/c.

Estas são uma amostra da grande quantidade que á redação veio parar.

Constou-me, porém, depois, que immensas reivindicadoras dos seus direitos tendo visto que eu não dera um passo para a libertação do seu genero (feminino) tinham pensado em darme uma sova; agarrei em minha mulher fui para casa com ella, e tranquei-me.

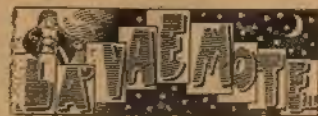
Felizmente não apanhei nada senão o susto e hoje os meus collegas da redacção já me teem novamente, mas... um pouco abatido.

Eu Proprio

Olha que grande coisa!

O D. Affonso para ir á Italia, precisou somente de 2:700 libras.

Ainda assim não gastou muito...

Se isto era um Brazil louco!

Quem me déra ser «Batata»
P'ra fazer moeda falsa!...

GLOSA

Gostava d'essa «cantata»
Pois tinha bom dinheirinho,
N'esta terra do bom vinho
Quem me déra ser «Batata»!
Fazia a bella «sucata»
Na rapioca era um «salsa»,
Compunha até uma valsa
Como dinheiro da «trama»,
Dava o meu estro de fama
P'ra fazer moeda falsa!...

Iris.

—Ai, filha, sempre tem estado um frio...

—Não me fale n'isso, que só de me lembrar, me faz bater o queixo.

—Mas é que nunca se viu uma coisa assim.

—E' verdade.

—Quem precisava apanhar um calor era o D. Miguel.

—Porque?

—Então não sabe que elle não faz outra coisa, senão offerecer os seus serviços?

—Ora, essa... serviços de velho... hão de ser frescos?...

—Eu sei lá!...

—Aquillo tudo é lingua, mais nada.

—Isso agora...

—Já lhe disse! E' serviço de lingua!... Basofias e mais basofias.

—E' verdade que o partido é pequeno, mas...

—Qual historia!... Olhe que lá para a Outra Banda, é numeroso!

—Pois sim, mas é um partido *partido*.

—E que pouco partido tem.

—Diga-me cá outra coisa: Que quererá dizer aquella junta medica do ministerio das finanças, que foi nomeada ultimamente? Então o ministerio precisa de junta medica?

—Eu não sei, mas como as finanças estão muito doentes...

—Precisam de junta... medica...

—Julgo que é doença chronica...

—Talvez, sim, é bem chronica.

—São doenças que já lá vem de traz, como dizia o *Mané Côco*.

—E que me diz aos commerciantes quererem acabar com o *bonus*?

—Olhe, quer que lhe diga com franqueza o que penso? Penso que fazem muito bem, mas tambem penso que a culpa teem-na elles.

—Ora essa! Porquê.

—Porque se não querem dar senhas aos freguezes, para que as vão buscar?

—Porque se as não derem, tambem a freguezia lhe foge.

—Qual historia!... Se nenhum as der, o publico continúa a gastar da mesma maneira.

—Que eu tambem não percebo de só agora acharem que o *bonus* é mau, quando já ha tantos annos que está em uso; uma coisa que logo se via...

—Então que quer? aqui não se vê as coisas, senão passados tempos.

A Leonor foi buscar uma porção de roupa que poz ao pé de si, e depois continuou a conversa.

—Hoje tenho pouco que lavar.

—Tambem eu.

—Ai, o marido da Catharina é que sempre lhe trouxe uma trouxa!...

—Sim?

—E' verdade!

—Talvez seja roupa já do collegio para onde ella lava.

—Não sei d'onde era, o que sei é que era assim.

E fez menção de ser da altura de um metro.

—Safa! exclamou a Rita.

—A Catharina tem que fazer para dois dias.

—Isso tambem não...

—E' que vocemecê não viu como eu vi!...

—Mas pelo que me diz.

—Pois sim, mas se visse...

—Se fosse ella, não a podia trazer, não... é um arenque...

Ficaram caladas um momento, e d'ali a pedaço a Leonor ainda a pensar no caso, exclamou:

—Ai filha, mas que grande trouxa!...

AI, NADA QUE NÃO!

Como é que o Arnoso não havia de gritar por uma lapide para o rei, se elle só d'uma vez para ir a Inglaterra com o dito, apelou 100 libras!

E elle era barro!

Carôcas... é mestra!

Uma bicha féra

Uma senhora já muito carcassa
Chamada Dona Angelica Beltrona,
P'ra mostrar ser menina solteirona
Pinta com bons carmins sua caraça.

No seu corpo franzino de má raça,
Traz grandes almofadas qual matrona,
E gasta sem ter dó, á valentona
Em chinós e postiços muita massa.

E' mais má do que as cobras peçonhentas,
Quando arrebita as suas grandes *ventas*
E' capaz de fazer mil dezatinos.

E emquanto vae passear toda fagueira
Deixa em casa o marido, qual sopeira
Tratando do comer e dos meninos.

ZÉ ILHEU.

Pobre padeiro

Franqueza, franquezinha, temos pena do Castanheira do monopolio.

Elle a julgar-se sósinho em campo e o governo a dar-lhe um ar no monopolio!

E elle que se levantava tanta vez á meia-noite!!

EPITAPHIO

Aqui jaz Simão Bedum
Avarento sem egual,
Quiz ir p'ra valla commum
P'ra não pagar o coval.

Salvo o erro ...

Diz um jornalista que o sr. Camacho tem uma penna de madeira, enfiada n'um bico de aço».

E nós a julgarmos que era um bico de aço, enfiado n'uma penna de madeira!...

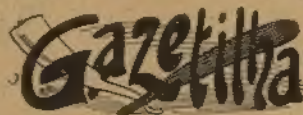
Brindes

Da fabrica de chocolates «La Camerana, de Claudio R. Marin & C.ª R. do Cardeal, 4-B. da typographia de Lisboa de Custodio José Ferreira, R. do Arsenal, 158 e do deposito da fabrica Iniguez de Joaquim Jose Romero, R. da Esperança 67 a 75, recebemos artisticos calendarios de parede do mais fino gosto.

Egualmente o Dragão Chinez. R. S. Pedro de Alcantara 29 a 33, de que é proprietario o nosso amigo Manuel Nunes nos enviou uma linda folhinha de algibeira com os preços correntes d'aquella casa. A todos os nossos agradecimentos e mil prosperidades.

VAO LÁ ENTENDEL'OS...

O «Mundo» disse que o D. Miguel tinha estado em Pao. Vem a «Nação» e diz que é «pau», que o D. Miguel nunca esteve em Pao. Volta o «Mundo» e affirma que o pretendente esteve em Pau e que até passou pelo nosso porto, salta a «Nação» toda escamada, e berra que é «pau», que o «caceteiro» n'unca esteve em Pao nem em Lisboa!

Com um pau precisavam elles!

Obrigadinho, meu povo,
Senti um grande alegrão,
Pois redondo como um ovo,
Já temos tinteiro novo
Na mesa da redacção...

A penna é mais aguçada
E mais fina—é bem de vêr—
De marca tão afamada,
Que até 'screvo a versalhada
Com mais graça e mais prazer.

Além d'isso, meu leitor,
Este aparo não é «chocho».
A caneta é um primor
E a tinta é de roxa côr,
Porque eu cá gosto do «roxo»!...

IRIS.

O ZÉ no theatro

Toda a gente anda excitada
Do salão á praça publica,
P'ra ver a peça falada
Que vae hoje no **Republica**
E já alguem anda a dizer
Que vae ser pyramidal,
O baile que vae haver
Mui breve no **Nacional**.

=Consta-nos que as enchentes teem sido colossaes no treatro da

Trindade onde a companhia se porta á altura. No

Apollo o bilheteiro «vê-se á broxa» e no

Rua dos Condes onde subiu o «Conde de Monte Christo» idem. No

Avenida não ha mãos a medir bem como no

Gymnasio onde o Scherlok tem feito um [illegible]

Com respeito ao

Colyseu, não maçaremos o leitor porque já se sabe que o Snr. Santos, o activo emprezario, é o unico que nos tem dado opera popular a valer.

E para fecher diremos que a empresa Foz & C.ª abriu o

Theatro Moderno com fitas na ponta da unha.

São as noticias que á ultima hora recebemos, e que publicamos, mettendo n'um chinelio o placárd do Seculo.

—

ANIMATOGRAPHOS

Mas que tacto, mas que tino,
Que criterio d'homem fino
Mostra ter o bom Sabino,
Pondo as fitas, sem que masse!
Quem ha que sendo do «chique»
Não vá logo «tique», «tique»
Da Graça ou Campo d'Ourique
Ver as fitas ao *Terrasse*?!

Ai! Mas que fitos
De arte e bonitas
Que ha tão catitas
No *Liberdade*!

E as sem rival
Que ha no *Central*
Mais no *Ideal*
Foz e *Trindade*!!

Primas, priminhas,
Manas, visinhas,
Tias, madrinhas,
Todas a flux,
A' pressa vão
Sempre ao salão
E quando então
Se apaga a luz...

....

Começa a fita
De arte e bonita...

O COFRE DOS ENCANTOS

Zé — **Ai filha, nao te faças avarenta, porque no fim de contas sempre se hade saber o que contém.**